

**PERSONALIDADE CORPORATIVA:  
CHAVES PARA A COMPREENSÃO DOS SENSO  
COMUNITÁRIO E INDIVIDUAL DO ISRAEL BÍBLICO**  
CORPORATE PERSONALITY: KEYS TO UNDERSTANDING THE  
COMMUNITARIAN SENSE AND INDIVIDUAL SENSE OF BIBLICAL ISRAEL

Lucas Merlo Nascimento<sup>1</sup>

## RESUMO

Este breve artigo se propõe a oferecer uma compreensão acerca da relação entre os sentidos comunitário e individual do Israel bíblico. Partindo da investigação do conceito de *Corporate personality* (Personalidade corporativa), avaliamos a relação comunidade-indivíduo por meio do diálogo com pesquisadores e intérpretes do Antigo Testamento, visando uma compreensão desses dois sentidos pela inserção da dialética comunidade-indivíduo na dialética humano-divina, a partir da qual a realidade humana e a formação de uma comunidade podem ser mais bem compreendidas.

**Palavras-chaves:** Personalidade corporativa. Israel bíblico. Senso comunitário. Senso individual.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Judaicos pela FFLCH/ Universidade de São Paulo - USP; Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP (Religião e sociedade no mundo bíblico); Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTBSP. Professor da FTBSP. E-mail: lucas@teologica.net

## ABSTRACT

This short article aims to provide an understanding of the relationship between communitarian sense and individual sense of biblical Israel. Starting from the research of the concept of *Corporate Personality*, we evaluated individual-community relationship through dialogue with researchers and interpreters of the Old Testament, seeking an understanding of these two senses by the insertion of the individual-community dialectic in divine-human dialectic, from which human reality and the formation of a community can be better understood.

**Keywords:** Corporate personality. Biblical Israel. Communitarian sense. Individual sense.

## INTRODUÇÃO

Uma das marcas da autocompreensão do Israel bíblico é seu sentido coletivo. Em diversos textos, Israel ou um grupo dentro deste é visto coletivamente. Por esta razão, alguns estudiosos empreenderam investigações acerca da relação comunidade-indivíduo no Antigo Testamento, concluindo, por vezes, pela polarização entre indivíduo e comunidade. Como forma de contribuição nesta investigação, analisaremos a relação comunidade-indivíduo no Antigo Testamento, visando a uma melhor compreensão do sentido da *Corporate personality* (Personalidade corporativa) do Israel bíblico, avaliando a questão a partir das propostas de Wheeler Robinson, Ralph Smith, Asa Routh Crabtree, Hans Walter Wolff e George Ernest Wright, Walter Rehfeld. Visamos alcançar uma compreensão da dialética comunidade-indivíduo não por meio da polarização de ambos, mas pela inclusão desta numa outra dialética: a humano-divina, em que a inserção do indivíduo na comunidade, o juízo comunitário e, inclusive, o isolamento do indivíduo de sua comunidade são vistos a partir da relação desses com a vontade divina.

## I. PERSONALIDADE CORPORATIVA E O ECLIPSE DO INDIVÍDUO

Wheeler Robinson, em sua obra de antropologia bíblica *A christian doctrine of man*, traça algumas características das “mentalidades primitivas” (*primitive psychology*), dentre as quais inclui o pensamento hebraico, principalmente pré-exílico.<sup>2</sup> Dentre as características do pensamento hebraico, propõe a compreensão de uma *Personalidade corporativa* (*Corporate Personality*), que seria a extensão de características pessoais para

<sup>2</sup> ROBINSON, Wheeler. *The christian doctrine of man*. Edinburgh: T&T Clark, 1913. p. 27.

determinado grupo ou sociedade, ou, nas palavras de Crabtree, “os sociólogos falam de organismo social, ou de grupos de pessoas que têm características pessoais. Todas as sociedades dão muita ênfase à solidariedade social do grupo”.<sup>3</sup> Essa percepção do valor comunitário traria consigo um “senso defeituoso de individualidade”, em que a noção de indivíduo seria eclipsada pela noção da comunidade. Assim, segundo Robinson, na “legislação e religião primitivas”, o homem não era tratado sob a base duma consciência individual, mas apenas como “membro de uma tribo, clã ou família”.<sup>4</sup> Seria apenas a partir da mensagem dos profetas que uma noção de indivíduo emergiria dentre os laços comunitários.

Para demonstrar essa concepção comunitária, Robinson analisa algumas compreensões de organização e direito social dentro do Antigo Testamento, dentre os quais citamos: a) o vingador de sangue, um membro da família pode matar o assassino de seu parente, ou ainda um parente do assassino poderia ser morto em seu lugar, como no caso da vingança dos Gibeonitas sobre a descendência de Saul (2Sm 21.1-14); b) o juízo divino sobre uma linhagem, na forma de banimento e extirpação, que pode ser notado no caso dos Amalequitas, em que todos deveriam ser mortos, inclusive mulheres e crianças (1Sm 15.3), ou ainda no da família de Acã que, pela desobediência deste à ordem divina, foi exterminada (Js 7.24-26); c) o direito de um pai sobre a vida de seu filho, como no “quase” sacrifício de Isaque (Gn 22) e no sacrifício da filha de Jefté por ele (Jz 11.29-40) e d) a responsabilidade do irmão de um falecido em suscitar-lhe descendência (Levirato), sendo a criança considerada como filha do falecido.<sup>5</sup>

A noção do valor comunitário, por sua distância do pensamento moderno, que valoriza o indivíduo e sua emancipação, torna-se estranha, a ponto de Robinson afirmar, acerca do já visto caso dos Amalequitas, que diante da força da concepção corporativa, “os direitos individuais do inocente, para nós tão cruelmente injustiçado, não existem no pensamento hebreu”.<sup>6</sup> Assim, para Robinson, senão em toda a história do Israel bíblico, ao menos no pré-exílio a noção de indivíduo era inexistente. Essa compreensão pode ser vista na síntese que Ralph Smith faz da posição de pesquisadores como Robinson. Propõe que “o pensamento israelita refletido em boa parte do Antigo Testamento era semelhante ao dos povos considerados ‘primitivos’,

<sup>3</sup> CRABTREE, Asa R. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960. p. 123.

<sup>4</sup> ROBINSON, 1913, p. 5-8.

<sup>5</sup> ROBINSON, 1913, p. 28-30.

<sup>6</sup> ROBINSON, 1913, p. 29.

sintéticos em sua maior parte. Eles entendiam as coisas em termos da sua totalidade ou integralidade, e não da sua individualidade”.<sup>7</sup>

A partir dos exemplos citados e da conceituação dos intérpretes do pensamento veterotestamentário, vê-se que a ênfase na comunidade é algo característico do Israel bíblico. As preocupações de sobrevivência e manutenção da sociedade sobrepõem-se às ênfases individuais. Porém, um equívoco dessa compreensão é considerar que a ênfase comunitária anularia a percepção individual. Uma compreensão assim parte da polarização indivíduo-comunidade como realidades autoexcludentes. No entanto, veremos que o Antigo Testamento enfatiza também o valor do indivíduo, e que uma compreensão de sua inserção comunitária não pode ocorrer sem a compreensão de sua responsabilidade individual.

## 2. DIALÉTICA COMUNIDADE-INDIVÍDUO

Para além de uma exclusão do indivíduo em oposição ao senso comunitário, o Antigo Testamento justapõe esses dois âmbitos numa dialética em que, ainda que haja ênfases comunitárias, o indivíduo e sua responsabilidade não deixam de existir. Crabtree ressalta a dialética entre realidade comunitária e responsabilidade pessoal, reconhecendo que uma não pode existir sem a outra, nos seguintes termos: “A verdade é que o homem nunca foi considerado apenas como membro do seu grupo sem qualquer responsabilidade pessoal”.<sup>8</sup> De forma análoga, Smith afirma que a responsabilidade individual do Antigo Testamento não torna, por sua vez, o indivíduo como instância central: “Ao mesmo tempo que o Antigo Testamento enfatiza o valor e a responsabilidade do indivíduo, ele não torna o indivíduo a medida de todas as coisas. Também não deixa de destacar o lugar próprio do indivíduo na sociedade”.<sup>9</sup> Há, portanto, equilíbrio na dialética em que a responsabilidade individual é levada em conta, sem exaltar o indivíduo como critério a partir do qual se organiza a realidade.

O Antigo Testamento considera, portanto, a realidade individual e comunitária como existindo não apenas em equilíbrio, mas em relação necessária. Não se poderia compreender o indivíduo sem sua responsabilidade comunitária, nem compreender a comunidade sem a inserção e responsabilidade individual na mesma. Essa compreensão representa, pois, um afastamento de que a ênfase comunitária do Antigo Testamento seja reflexo de uma “mentalidade primitiva”:

<sup>7</sup> SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 244.

<sup>8</sup> CRABTREE, 1960, p. 124.

<sup>9</sup> SMITH, 2001, p. 243.

Com certeza o Antigo Testamento via cada pessoa ‘envolvida pelo grupo’ (1Sm 25.29), mas o indivíduo não se perdia nem desaparecia no grupo a ponto de não ser pessoalmente responsável por suas ações. Na época em que Israel apareceu no cenário da história, o homem ‘primitivo’, com a consciência de si mesmo como pessoa responsável pouco desenvolvida, tinha desaparecido quase completamente do mundo civilizado.<sup>10</sup>

Um caminho para compreender essa dialética entre comunidade-indivíduo, e a relação íntima do indivíduo com seu grupo, é compreendê-la no âmbito das relações culturais, em que a inserção e participação na comunidade faz parte do “jogo” de tradições, heranças e produtos de determinado grupo, em que os indivíduos se identificam com valores e normas estabelecidos, mantidos e transmitidos. Para Crabtree, o vínculo cultural possibilita essa compreensão:

Se pudesse haver um homem inteiramente desunido e desassociado com sua raça, então seria injusto que ele participasse das consequências das obras boas ou más das gerações passadas. Mas não há ninguém sem o umbigo que testifica de sua relação com seus inumeráveis antepassados. Não é menos desassociado de sua relação da raça na sua vida intelectual e espiritual. Somos herdeiros da cultura de todas as gerações que nos precederam.<sup>11</sup>

Como visto, o fato de o Antigo Testamento considerar a comunidade como instância necessária na compreensão do Israel bíblico não anula a responsabilidade individual. Também a responsabilidade individual pode ser notada em diversos exemplos, levantados por Crabtree, em contraponto à ênfase na *Personalidade corporativa*, conforme os exemplos de Robinson:

Israel se distingue das outras nações, na defesa dos direitos que nem o rei tinha o direito de lhe roubar. Na ocasião de estabelecer a monarquia, o profeta Samuel admoestou o povo contra o perigo da opressão dos reis. Natã repreendeu o rei Davi pelo pecado de adultério e pelo homicídio de Urias. O profeta Elias censurou severamente Acabe por ter acedido ao conselho da esposa Jezabel, a fenícia, e matado o seu vizinho Nabote, a fim de tomar a sua vinha. Todos os profetas insistiram na sua chamada pessoal da parte de Deus, com responsabilidade direta e pessoal perante ele. Eles defenderam os direitos dos fracos contra a opressão dos fortes, os direitos

<sup>10</sup> SMITH, 2001, p. 244.

<sup>11</sup> CRABTREE, 1960, p. 125.

do povo contra os reis tirânicos, das viúvas, dos órfãos e dos desamparados contra os ricos.

Ana, a mãe de Samuel, orou fervorosamente ao Senhor no Tabernáculo, e quando foi repreendida pelo sacerdote Eli, ganhou o apoio dele pela sinceridade da sua fé pessoal. Seu lindo cântico (1Sam 2:1-10), citado em parte pela mãe de Jesus, concorda perfeitamente com seu retrato literário, apresentado no livro de Samuel.<sup>12</sup>

Assim, o Antigo Testamento enfatiza tanto concepções coletivas e comunitárias, quanto coleciona exemplos em que o indivíduo é tomado por responsável. Wright, em sua obra sobre a *Doutrina bíblica do homem na sociedade*, reconhece essa dialética, considerando que a “centralidade da preocupação bíblica” é a formação de uma comunidade, mas que essa só é possível pela inserção individual na mesma.

Sendo assim, compreendemos a centralidade da preocupação bíblica com a comunidade. [...] Deus deu existência, mediante os atos redentores que culminaram em Cristo, a uma comunidade em que cada indivíduo é convidado a participar. Indivíduo e comunidade são mantidos juntos num relacionamento viável, sem que um se perca absorvido no outro. [...] o indivíduo encontra sua verdadeira vida quando possui uma vocação dentro da comunidade...<sup>13</sup>

É necessário notar que a postura de Wright parte de uma leitura sincrônica e cristã do cânon bíblico, e que compreende, portanto, a realidade do Israel bíblico como tendo continuidade na igreja neotestamentária, o que, de certa forma, compromete uma visão antropológica do Antigo Testamento. Porém, o reconhecimento de Wright da participação voluntária do indivíduo na comunidade serve-nos como chave de compreensão para a dialética comunidade-indivíduo, como veremos.

### 3. DIALÉTICA HUMANO-DIVINA

A relação entre comunidade e indivíduo é marcada pela compreensão da inserção deste naquela, de modo a não ser a realidade comunitária compreendida como diluindo em si a compreensão individual. Porém, o que caracteriza essa relação comunidade-indivíduo? Como um indivíduo é compreendido como partícipe da comunidade? E como um indivíduo é excluído da comunidade, no caso do Israel bíblico? Não poderemos chegar à resposta a essas perguntas sem responder uma anterior: qual o fundamento da existência dessa comunidade chamada Israel bíblico?

<sup>12</sup> CRABTREE, 1960, p. 126.

<sup>13</sup> WRIGHT, George E. *Doutrina bíblica do homem na sociedade*. São Paulo: ASTE, 1966. p. 30-31.

A compreensão dessas questões nos conduz à inserção da dialética comunidade-indivíduo, ora invocada, na dialética humano-divina. Nesta última, a realidade é vista como diálogo entre o ser humano e Deus, estruturado a partir das vontades que se interpõem.

Na vida humana, devido ao livre-arbitrio que distingue o homem, criado à 'Imagem de Deus', com liberdade e com capacidade de escolher entre o bem e o mal, a razão moral e social, a 'Vontade Divina', se apresentam como 'norma'. [...] No universo humano não existe mais a mudança automática, determinista, necessária, mas há uma evolução histórica em que o livre-arbitrio do homem e a norma revelada estão em contínua interação dialética.<sup>14</sup>

A partir daí, a comunidade "Israel bíblico" deve ser vista em sua relação com Deus, que propõe a Israel sua vontade, na forma de aliança. Assim, o que caracteriza o Israel bíblico enquanto *Personalidade corporativa* é sua fé, especificamente fidelidade em interlocução com Deus, enquanto resposta humana à vontade divina. Esse ponto de vista pode ser notado na análise da vivência do tempo do homem bíblico feita por Walter Rehfeld. Este compreende que o Israel bíblico deva ser visto em sua totalidade, como *Personalidade corporativa*, porque sua existência está estruturada não a partir de um ponto de vista do indivíduo, mas do Divino:

Há, portanto, uma grande diferença entre o tempo como comumente vivenciado pelo homem ocidental e um tempo que é a 'estruturação da Vontade Divina' [...], um tempo 'teocêntrico', portanto, centrado na Presença Divina a uma nação toda, e não mais a um indivíduo que, por acaso, esteja com a palavra. Para o homem bíblico, Presença Divina é, essencialmente, presença histórica, conscientizada por uma 'Corporate Personality', por Israel, desde os primeiros patriarcas até a última geração do futuro.<sup>15</sup>

É a partir dessa compreensão da *Personalidade corporativa* de Israel, como grandeza existente em dialética com a vontade divina, que a compreensão da responsabilidade e participação individual é esclarecida, ainda por Rehfeld:

As êxtases temporais do indivíduo, seu passado, presente e futuro, não passam de aspectos acidentais de uma situação, ocasionados por sujeitos que, em determinado momento, faziam parte desta 'Corporate Personality'. O conceito de 'presente' do tempo teocêntrico não é mais o presente de uma

<sup>14</sup> REHFELD, Walter I. *Tempo e religião: a experiência do homem bíblico*. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 48.

<sup>15</sup> REHFELD, 1988, p. 49.

peessoa, mas o presente de Israel como entidade histórica que abrange muitas gerações.<sup>16</sup>

Essa dialética humano-divina esclarece tanto o sentido comunitário do Israel bíblico quanto a responsabilidade e inserção individual. Tanto o Israel bíblico, como *Personalidade corporativa*, quanto o indivíduo, como partícipe do Israel bíblico, são marcados pela responsabilidade diante da vontade divina. Sobre isso, Wright propõe:

Por outro lado, deparamos na Bíblia base religiosa para a responsabilidade humana radicalmente diferente de qualquer coisa encontrada noutra parte. O resultado é a concepção de responsabilidade pessoal para com a vontade divina exclusiva, responsabilidade essa sem qualificação ou condição, baseada na necessidade da lealdade completa e firme ao Senhor que deu existência a um povo mediante atos de salvação que emergiram não de necessidade legal, mas de dedicação pessoal.<sup>17</sup>

A responsabilidade individual seguia e se inseria, portanto, na responsabilidade da *Personalidade corporativa*, de manter-se fiel a Deus, como interlocutores da vontade divina. Desse modo, as expressões da vontade divina, ainda que endereçada a Israel, deveriam interpelar cada indivíduo, de modo que as vivências individual e comunitária se equivalessem:

Na aliança com a nação Deus dignificou cada um dos seus membros mediante sua palavra pessoal, de modo que compreendesse a natureza responsável de sua relação com a Pessoa Divina. O Senhor da comunidade nacional era também o Senhor de cada um de seus indivíduos.<sup>18</sup>

A inserção do indivíduo na comunidade exigia a vivência da vontade divina. O indivíduo, como parte da comunidade da aliança, respondia à vontade divina, compreendendo-se como partícipe da história salvífica, como alcançado pelos atos redentores de Deus. O mecanismo pelo qual essa inserção na comunidade acontecia era a identificação entre o indivíduo e a história de seu povo, marcada pelas intervenções divinas, conforme propõe Wolff:

Nas diversas fases da história de Israel e nas grandes transformações desde a época pré-estatal até o tempo dos reis e depois até o exílio da Babilônia e o período pós-exílico, a sorte individual de cada israelita correspondia essencialmente àquela de seu povo. É característica a confissão que, de acordo

<sup>16</sup> REHFELD, 1988, p. 49.

<sup>17</sup> WRIGHT, 1966, p. 37.

<sup>18</sup> WRIGHT, 1966, p. 38-9.



com Deuteronômio 26,5-10, o lavrador faz no santuário depois da entrega das primícias, sendo típica a passagem do eu para o nós e, de novo, para o eu, mostrando que a história de cada indivíduo coincide com aquela do povo de Deus, em suas mudanças, na aflição e na prosperidade.<sup>19</sup>

Assim, o indivíduo é compreendido como partícipe da *Personalidade corporativa*, sem anular sua própria responsabilidade nesta, de duas maneiras. Primeiro, respondendo à vontade divina, como interlocutor de Deus. Segundo, identificando-se como nas narrativas que configuram a identidade de seu povo, transmitidas entre as gerações, e que, portanto, estabelecem-se na cultura do Israel bíblico. Narrativas estas que são marcadas pelas intervenções salvíficas de Deus em favor de Israel e, portanto, do israelita.

A apuração de que a *Personalidade corporativa* do Israel bíblico não estaria em conflito com a compreensão de indivíduo, antes, que ambas seriam compreensíveis quando em diálogo com a vontade divina, marcando a dialética humano-divina, pode ser notada em situações-limite. Uma delas é quando a grandeza de Israel, ao tornar-se um “estado”, diferencia-se do Israel enquanto ideal de comunidade sagrada.

Surgiram tensões quando a sagrada comunidade da aliança se tornou um ‘estado’, com sua forma de governo emprestada dos vizinhos e com a tendência cada vez maior de secularização e conformação cultural. Às vezes o indivíduo era convocado a resistir ao novo sistema coletivo.<sup>20</sup>

Nesse momento, os indivíduos são chamados a responderem responsabilmente diante da vontade divina. Resposta que incluía o abandono do Israel, enquanto estado, a fim de conformar-se à vontade de Deus. Esse apelo à responsabilidade individual é a marca da mensagem profética. Por isso os intérpretes<sup>21</sup> do Antigo Testamento consideram esses como responsáveis pela formulação da compreensão de indivíduo:

O ataque profético à monarquia e aos principais sustentáculos do estado nas associações sacerdotais e proféticas, endereçava-se ao indivíduo para ‘voltar-se’, o que significa uma decisão consciente de sua parte contra a vontade coletiva e contra sua integração na vida da comunidade em existência. As implicações do relacionamento do indivíduo e da comunidade da aliança eram então esclarecidas de modo diferente.

<sup>19</sup> WOLFF, Hans W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 326.

<sup>20</sup> SMITH, 2001, p. 244.

<sup>21</sup> Deve-se fazer jus ao fato de mesmo Wheeler Robinson ter compreendido essa postura profética em relação ao indivíduo (ROBINSON, 1913, p. 30-34).

Estado e reino divino não eram a mesma coisa e o indivíduo era estimulado a tomar posição contra o primeiro. Qual *era*, então, a comunidade em que e para a qual Deus o desejava para realizar sua eleição? Era o verdadeiro Israel que ainda não existia em forma organizada, mas que Deus, mediante seus atos de julgamento, estava criando.<sup>22</sup>

A partir dessa situação-limite, em que o “Israel estatal” diferencia-se da comunidade que responde à vontade divina, pode-se compreender, portanto, o que caracteriza a compreensão comunitária do Israel bíblico. Não é a simples valorização comunitária sobre a responsabilidade individual, mas a consideração do humano como interpelado pelo divino. À medida que Israel deixa de responder à sua fé, a consciência corporativa em torno do Israel-estado é suscetível a desvanecer-se em nome da fidelidade do indivíduo a Deus, configurando uma nova comunidade, dos que permanecem fiéis. Apesar de tender à supervalorização do indivíduo frente à sociedade, a afirmação de Wolff aponta nesta direção:

Assim o povo da antiga aliança, firmemente estabelecido, é levado para a comunidade nova pelo caminho do individualismo total. Já dentro do Antigo Testamento realiza-se, assim, algo como a libertação do indivíduo da influência da coletividade e da *polis*, por meio de sua confrontação com a vontade de Deus: o amor de Deus voltado para ele, exigência de Deus e convite para a fé dirigidos a ele. O indivíduo é animado a dizer: *si omnes, ego non* (mesmo que todos, eu não).<sup>23</sup>

Situação oposta, mas igualmente fronteiriça, é a inserção de um não israelita no povo de Israel, como no caso de Rute. Na resposta que a moabita dá a sua sogra israelita, pode ser notada uma conformação de Rute com a fé e história de Noemi: “... o teu povo é meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rt 1.16). Com essa resposta, Rute, mesmo sendo estrangeira, passa a participar da *Personalidade corporativa*, da comunidade fiel.

Outras situações-limite em que o indivíduo é descolado da sociedade são propostas por Wolff. De forma negativa, a *expulsão* da comunidade é uma dessas situações. De forma positiva, a *eleição*. Assim como no caso da diferenciação entre o Israel estatal e a comunidade da aliança, por assim dizer, nestes dois casos, a compreensão do indivíduo passa pela compreensão da relação deste e de sua comunidade com a vontade divina. Ainda que a solidão não seja algo positivo,<sup>24</sup>

<sup>22</sup> WRIGHT, 1966, p. 39-40.

<sup>23</sup> WOLFF, 2008, p. 333.

<sup>24</sup> WOLFF, 2008, p. 326.

como visto, pode representar a fidelidade à vontade divina. No caso de *expulsão*, um membro da sociedade é isolado quando age contra a vontade divina, ou quando é acusado de tal.<sup>25</sup> No caso da *eleição*, um indivíduo é isolado de sua comunidade para seguir a vontade divina, como no caso dos patriarcas e profetas.<sup>26</sup> Também nestes casos vê-se que a compreensão dessa relação indivíduo-comunidade precisa ser inserida na compreensão da dialética humano-divina.

Considerando essas situações-limite, notamos que a compreensão do sentido comunitário do Israel bíblico não pode efetuar-se sem levar em conta a dialética humano-divina que atravessa o pensamento do Antigo Testamento, marcando-o com o signo da vontade expressa de Deus a seu povo. Reconhece-se, assim, que ainda que haja no Antigo Testamento uma ênfase comunitária, caracterizada por uma *Personalidade corporativa*, esta não é instância que se possa compreender simplesmente como “característica de mentalidades primitivas”, senão grandeza em interlocução com Deus e sua vontade, que estabelece, a partir desta, uma sociedade em que cada um responde em fidelidade ou apostasia. Baseado nisso, pode compreender a função da lei no Antigo Testamento, que, apesar de dirigida à comunidade, é exigência que interpela cada qual:

Ela expressava, assim, a vontade graciosa de Deus para a comunidade. No entanto, como lei comunitária, não era de modo algum simples ética tribal. Transcendia as limitações de tal primitivismo e se constituía na base da *nova sociedade* que, tanto na escatologia popular quanto profética, era considerada as primícias do Reino universal de Deus. Entretanto, o indivíduo não se perdia, ou ficava submerso, nessa ordem comunitária. Nela o ‘*tu farás*’ de Deus era caracteristicamente singular, dirigido a cada indivíduo. A Palavra de Deus na lei isolava cada pessoa, de modo que, como um ‘EU’ responsável, o indivíduo ouvia a Palavra à nação como dirigida a ele pessoalmente.<sup>27</sup>

Desse modo, a lei veterotestamentária, enquanto expressão da vontade divina, emerge como meio pelo qual Deus interpela seu povo, configurando sua comunidade. A partir daí, a *Personalidade corporativa* no Israel bíblico enquanto comunidade de fiéis é vista fundamentada em sua resposta à vontade divina, não anulando e, por vezes, ressaltando a consciência do indivíduo.

<sup>25</sup> WOLFF, 2008, p. 326-329.

<sup>26</sup> WOLFF, 2008, p. 329-333.

<sup>27</sup> WRIGHT, 1966, p. 38.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da mentalidade do Israel bíblico é sempre um caminho de reflexão que se faz debruçando-se sobre o texto bíblico, mas também sobre aqueles que, ao longo da história da interpretação, dedicaram-se a compreender tal mentalidade. Seguimos esse caminho, partindo do conceito de *Personalidade corporativa*, de Wheeler Robinson, e dialogando com outros intérpretes da mentalidade hebraica. Neste caminho, analisamos a dialética entre comunidade-indivíduo, que, para alguns, é anulada em certos textos, pelo obscurecimento ou inexistência da noção de indivíduo. Porém, inserindo essa dialética numa outra, da relação humano-divina, observamos que as compreensões comunitária e individual do Antigo Testamento são marcadas pela resposta que o ser humano, interpelado por Deus, dá a este, inserindo-se ou excluindo-se da comunidade fiel. Essa dialética humano-divina apresenta-se como possibilidade a fim de compreender a mentalidade hebraica e, dentro desta, o conceito comunitário de *Personalidade corporativa*, como comunidade fiel, e os apelos individuais, ambos presentes na literatura veterotestamentária.

## REFERÊNCIAS

CRABTREE, Asa R. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.

REHFELD, Walter I. *Tempo e religião: a experiência do homem bíblico*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ROBINSON, Wheeler. *The christian doctrine of man*. Edinburgh: T&T Clark, 1913.

SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

WOLFF, Hans W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

WRIGHT, George E. *Doutrina bíblica do homem na sociedade*. São Paulo: ASTE, 1966.